

Notícia: Pinturas rupestres ajudam a contar a história de povos amazônicos
Veículo: Diário do Pará
Caderno: Pará, pág. 16
Citação do Museu Goeldi: Sim
Conceito: Positivo
Data: 28/03/2021

Pinturas rupestres ajudam a contar a história de povos amazônicos

Em diferentes sítios arqueológicos localizados em Monte Alegre, desenhos encontrados em encostas das serras ou no interior das grutas remontam a povos que habitaram a região há pelo menos 12 mil anos

MONTE ALEGRE

Cintia Magno

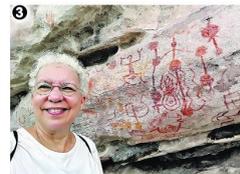
Nas encostas das serras ou no interior das grutas, as formas e desenhos marcados em diferentes sítios arqueológicos localizados no município de Monte Alegre, mesorregião do baixo-Amazonas, guardam a conexão com o passado dos povos amazônicos que habitaram a região há pelo menos 12 mil anos, segundo as pesquisas já realizadas. Em uma área de 36,78 quilômetros quadrados de extensão, o complexo de serras, vales e cavernas resguardados pelo Parque Estadual Monte Alegre (PEMA) promovem um verdadeiro encontro com os resquícios arqueológicos que falam muito sobre as formas de vida de uns dos primeiros habitantes do território e que estão ao alcance não apenas de pesquisadores e estudantes, mas também da comunidade local e de turistas interessados em conhecer mais da história do Estado do Pará.

É no município distante cerca de 1.400 quilômetros da capital Belém que se encontra um dos mais antigos sítios arqueológicos do Brasil, a Caverna da Pedra Pintada, que integra o complexo do PEMA. Além dela, Monte Alegre detém diversos outros sítios arqueológicos, patrimônio de valor inestimável e que até hoje é foco de estudos por parte de pesquisadores.

Referência no estudo sobre arte rupestre na Amazônia, a pesquisadora e arqueóloga do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Edilhe Pereira aponta que já foram documentadas e analisadas as características técnicas e estilísticas das pinturas rupestres de 20 sítios de Monte Alegre. Segundo a pesquisadora, a partir desta análise foi possível identificar a presença de, pelo menos, dois povos que habitaram a região no passado, considerando as diferenças estilísticas encontradas nas pinturas. “Sabemos também que alguns sítios com pinturas rupestres foram uti-



EM IMAGENS ❶ Pedra do Pilão ❷ Pintura rupestre FOTOS: PE MONTE ALEGRE ❸ Edilhe Pereira FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



lizados para atividades especiais, não cotidianas, enquanto outros serviram também como moradia ou abrigo temporário”, explica. “Alguns sítios apresentam pinturas muito grandes localizadas em lugares bem altos nas encostas das serras, certamente foram feitas para serem vistas desde longe. Mas existem, também, pinturas localizadas no interior de grutas, em locais de penumbra onde só é possível vê-las com luz artificial. Estas pinturas certamente foram feitas com objetivo contrário daquelas localizadas nas encostas”.

A pesquisadora aponta que, até o momento, as pesquisas realizadas demonstram, a partir dos materiais encontrados nas escavações realizadas, que há pelo menos 12 mil anos os povos

indígenas que viveram naquela região de Monte Alegre produziram pigmentos. “A prática de pintar nas paredes parece ter sido contínua desde 12 mil até 600 anos atrás”, considera Edilhe. “Os temas recorrentes nas pinturas rupestres de Monte Alegre são os círculos (com diversas formas de preenchimento), as volutas, as figuras humanas representadas na sua totalidade, ou seja, cabeça, tronco e membros ou apenas a representação da cabeça. Em ambos os casos, as figuras têm os elementos faciais (olhos e boca, principalmente) que muitas vezes expressam fisionomias como alegria, tristeza ou espanto”.

Na medida em que se configura como uma das formas de se compreender melhor os modos de vida e a

forma como os antigos povos que habitaram o planeta viam o mundo, a arte rupestre é uma rica fonte de informação para a história. As pinturas encontradas em Monte Alegre continuam no foco das pesquisas. A arqueóloga Edilhe Pereira aponta que há, inclusive, recursos do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para dar continuidade às pesquisas na região, porém, devido à pandemia da Covid-19, ainda não foi possível retornar a Monte Alegre. “Nosso objetivo, além do estudo das pinturas rupestres, é conhecer mais sobre os povos que as fizeram. Isto implica em realizar escavações em grutas e também nos locais onde eram as antigas aldeias para analisar os restos materiais deixados pelas ativida-

des destes povos, sejam elas cotidianas ou rituais, intencionais ou não. Com isto pretende-se conhecer mais detalhes sobre como viviam os antigos povos indígenas de Monte Alegre”.

Além das pesquisas, a arqueóloga destaca o grande potencial turístico do PEMA. “As pinturas rupestres não encontram paralelo com outras na Amazônia, nem no resto do Brasil. Trata-se, portanto, de uma importante área arqueológica para conhecer o passado dos povos amazônicos”, reafirma. “Monte Alegre é em particular o Parque Estadual Monte Alegre, não uma pedra para o turismo, pois tem um enorme potencial onde se destacam a paisagem, as pinturas rupestres, as cavernas entre outros atrativos”.

Formações rochosas esculpidas pelo vento também se destacam

Salvaguardando o complexo de serras, vales, cavernas e diversos sítios arqueológicos com pinturas rupestres, o Parque Estadual Monte Alegre (PEMA) é uma unidade de conservação criada em 2001, com o objetivo de preservar as pinturas já existentes. Para além das pinturas, porém, também se destacam formações rochosas esculpidas pelo vento. Algumas delas possuem formas que lembram uma tartaruga, outra que lembra um cogumelo e outra que lembra o pilão, sendo essa última a mais famosa e um dos símbolos de Monte Alegre. “O PEMA não é apenas do município de Monte Alegre, é um patrimônio da humanidade que a gente precisa divulgar mais para que as pessoas se apropriem dessa riqueza que é nossa”, destaca a gerente do Parque Estadual Monte Alegre e da APA Páytuna, Patrícia Messias.

Para que se possa receber de maneira mais estruturada os turistas interessados em conhecer o parque e suas riquezas históricas, Patrícia aponta que em 2019 foi inaugurado o Centro de Visitantes, que futuramente deverá abrigar um museu. Além disso, dois sítios arqueológicos presentes no PEMA já foram musealizados, passando a receber a infraestrutura adequada para receber os turistas. Tais ações são algumas das previstas pelo projeto elaborado pelo Iphan. “Estamos nos estruturando para, em breve, abrir o museu, que será o primeiro museu de artes rupestres do Oeste do Pará”, afirma.

A gestora explica que não é cobrado ingresso para visitar o PEMA, porém é necessário ser acompanhado por um condutor que acompanhará o grupo até os sítios. Tais condutores são moradores das propriedades comunais do entorno do parque e, segundo Patrícia, toda a estrutura de informações técnicas e de localização dos condutores é encontrada assim que se chega ao parque. Em função da pandemia, é importante que se busque saber se o local está aberto para visitação.

PONTOS



Serra da Lua: O sítio arqueológico Serra da Lua chama a atenção pelo grande número de pinturas impressas em extensas paredes de rocha. Entre elas, destaca-se um grande círculo com 1 metro de diâmetro pintado nas cores amarelo e vermelho que inspira o nome da formação.

Gruta Itatupacá: A entrada da gruta mescla-se a 15 metros de altura e é dividida por uma travessa rochosa, resultado de uma erosão. Algumas pinturas pré-históricas são localizadas nas paredes internas da gruta, dentre elas a única figura com três cores encontrada no Parque.

Pedra do Mirante: Possibilita a vista panorâmica (360 graus)



que se estende região. Nas suas bases há um importante conjunto de pinturas rupestres.

Pedra do Pilão: Trata-se de um bloco de granito calcado ao ar livre, onde as pinturas, dispostas em um painel, formam um grande painel com cerca de seis metros de altura por quinze metros de comprimento. As figuras são representadas neste sítio de grafismo que se apresenta sob diversas formas, com destaque para um conjunto de quadros que se interseccionam.

Gruta do Pilão: Também conhecida como Caverna da Pedra Pintada, há paredes internas e externas dessa caverna há dezenas de pinturas pré-



históricas. É um dos sítios mais antigos da Amazônia, pelo primitivo sítio com arte rupestre escavado no Estado do Pará. Tais escavações arqueológicas revelaram panelas, pedras, fragmentos de cerâmica e artefatos líticos de grupos humanos que viveram no local.

Pedra do Pilão: Um dos símbolos de Monte Alegre, a Pedra do Pilão é uma formação rochosa que funciona como um mirante natural, de onde é possível ter uma visão panorâmica de toda a região, destacando-se, ao sul, o esplendor da área de várzea, com seus inúmeros lagos e ao fundo, o rio Amazonas. Algumas pinturas pré-históricas estão localizadas na base e no topo dessa rocha.



Pedra do Cogumelo: Formação rochosa esculpida por um processo de erosão eólica, cuja aparência se assemelha a um cogumelo gigante.

Pedra da Tartaruga: Escultura produzida pela erosão eólica, cuja forma se assemelha a uma tartaruga no alto do morro. Nesta formação também há algumas pinturas rupestres que foram modificadas por um processo de ananização.

Centro de Visitantes: Localizado de frente para a Serra da Lua, o Centro de Visitantes dispõe de audiômetro, escritório administrativo, espaço para exposições, banheiros e área de contemplação, de onde pode ser

Fontes: Iphan, Ilo